



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

27 de Abril de 1996 • Ano LIII - N.º 1360
Preço 30\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

O problema das crianças e dos jovens em risco

A notícia saiu estes dias: Um programa — «Ser Criança» — «dirigido a crianças e jovens em risco e às suas famílias» a «incidir sobre a vertente da prevenção». «O projecto é dotado de dois milhões de contos para este ano, dos quais 30%



Ele sorri num canteiro de flores

são oriundos da 'Raspadinha', a nova lotaria instantânea».

Uma boa notícia, como todas as que referem uma filosofia do «antes prevenir que remediar». Porém, ela é omissa acerca da substância do programa, do qual se imaginaram as metas desejáveis, mas não os caminhos para lá chegar.

«A flexibilidade do projecto e capacidade de adaptação a situações concretas que permite a colaboração e parceria com as forças vivas da sociedade» é um princípio bom, se aproveitar de verdade iniciativas experimentadas e quebrar de facto a rigidez habitual, as teias de burocracia que costumam envolver quanto de bom foi sonhado. Mas dois milhões de contos à partida para os oito meses que restam deste ano, constitui uma tentação forte ao despertar de interesses entre os imaginativos de discurso fácil e convincente.

Enfraquecimento da instituição familiar

O problema das crianças e dos jovens em risco precisará de muito dinheiro para ser tratado, mas não é um problema de dinheiro. É, essencialmente, um resultado do enfraquecimento da instituição familiar no seio de uma sociedade embriagada na *moral do instante* e em queda no que respeita aos valores perenes. Não há milhões que

Continua na página 3

MALANJE dia-a-dia

15/3/96

MULTINACIONAL da Coca-Cola: três fábricas para sugarem o pão dos Pobres com suas latinhas coloridas.

Sovinhos: um processo de engarrafamento para que o álcool chegue a todos os recantos.

Será isto o que este Povo-mártir precisa?!

Estou pensando:

Processos de desenvolvimento: Fábricas de alfaias e parques de máquinas para ajudar os camponeses; sistemas de rega e condutas de água.

Impulso oficial: carpintarias, serralharias, oficinas de artigos eléctricos e outras.

Pensamentos inofensivos... Também o gosto da reflexão.

Dói o ver estes homens com as suas catanas e enxadas, andarem quilómetros para lá, num recanto da mata, fazerem por dia uma mibanga. Mulheres em grandes distâncias para transportarem o magro feixe de lenha para o lume da noite.

Na grande Capital milhares de jovens já nem

sequer pensam nas riquezas dos campos. Eles, aos magotes, acotovelam-se para venderem uma vela de carro, um isqueiro ou um sabonete a meia dúzia de compradores. Alguns espreitam a ocasião mais fácil para roubar.

A Pátria não se confina nos simples gritos de liberdade... Supõe e exige um rumo, uma moral e, sobretudo, processos de construção do bem-estar e da alegria do Povo.

20/3/96

«**MENINOS** da rua!» Reuniões, falas, escritos, opiniões e verbas que vão chegando e vão sumindo na areia.

Uma tentativa ou outra que nasceu isolada e se processa sem grande convicção, fracas condições e ausência de rumos para o futuro. Problema complexo, é certo.

Nem todos os «meninos da rua» estão numa situação de abandono: A uns, os pais mandam-nos desenrascar; a outros, são os tios,

por não terem comida; alguns, porém, sim — não têm família.

Saber quais, se todos afirmam: «Não tenho pai nem mãe». É o estribilho.

Há dias, foi um com seus olhos carregados de carências: «Meu pai morreu e minha mãe morreu e eu também morri».

Pegar em cada caso e ir ao Bairro, requer tempo, estar disponível e ter coragem.

Tenho ido algumas vezes e somente alguns casos cabem no completo abandono.

O cerne do problema não está nos «meninos da rua». Sim, nas famílias com seus salários de miséria — que não chegam para o sustento

de um só dia. Também na desordem moral que gera filhos à toa. E mais: Um grupo de privilegiados que têm tudo... Um Povo sem voz a viver na mais degradante miséria.

Frutos da guerra? Não só. Frutos duma evidente injustiça social.

Padre Telmo



Um gaiato africano trabalha, na sua terra, por um mundo melhor.

Património dos Pobres

Famílias degradadas em habitações degradadas

VOLTAMOS àquela antiga cidade da fronteira, onde o viver desumano de famílias traz em angústia o pároco, vicentinos e todos os que conhecem a situação.

Por ruas estreitas, calcetadas com pedra antiga, chegámos à zona do castelo, com muralhas abandonadas. Na hora o ambiente era deserto. Só um pequenito de oito anos estava sentado num muro, de biberão com resto de leite na mão, muito sujo e sem qualquer resposta às nossas perguntas. Apareceu uma vizinha faladora e foi contando.

Procurámos entrar onde fazem a sua habitação. Escada de pedras roídas leva-nos à porta aberta. Dentro, um canto onde têm a lareira e duas exíguas divisões que recolhem os pais e seis filhos todos pequenos. A mãe parece boa geradora de filhos e fraca educadora. O pai não se sabe bem o que é. As crianças dão má nota na escola e andam pelas ruas.

Já havíamos tentado encontrar solução para esta família. Mas, nem a procuram nem a aceitam. Agora, sugerimos que eles comprem a parte que é dos irmãos,

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

ENTREAJUDA — Na generalidade, apesar de materialmente pobre, a *entreaajuda familiar* era dantes bem mais rica — em todos os sentidos. Hoje, talvez pela *evolução...* do mundo, nalguns casos os laços de sangue definhavam — e quebram por completo.

Não desejaríamos pintar um quadro negro; mas, às vezes, entre os Pobres, somos confrontados com sinais de *exclusão* que muito nos afligem, até do ponto de vista material e social. No entanto, e ao menos valha-nos isso, ainda não se perdeu totalmente a *entreaajuda da vizinhança*, talvez com certo *aparato* — inerente ao temperamento latino.

Há quem abandone um familiar cuja *má sorte* não lhe dá posteriormente a possibilidade de viver com dignidade. Cai na extrema miséria. O problema arrasta-se. Os seus mais seus não se condoem. Até que, um dia, os servos dos Pobres, a vizinhança, botam mão. Quando o problema deveria ser resolvido pela família.

Enfim, é muito difícil — e delicada — esta *luta* em que se procura *limar os corações de pedra!*

PARTILHA — O cheque, habitual, do assinante 42971, de Ovar, «*por diversas intenções que Deus sabe — e não precisam de agradecer*». Assinante 35019, da Capital: «*Pequeno donativo para abrihantar o jantar de Páscoa dum Pobre da Conferência*». Quinze mil, da assinante 9708, de Coimbra, «*pois são sempre oportunos, aplicados na conta da farmácia. Os necessitados são muitos*». E são! Na mesma linha, cinco mil da assinante 23311, de Setúbal.

Outros *peregrinos* muito perseverantes: «*Pequenina ajuda em cheque*» — do assinante 9790, de Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia — pedindo que lembremos «*ao Senhor dois irmãos hospitalizados e em perigo de vida*». Cumprimos. Assinante

Pelas CASAS DO GAIATO

4456, da Covilhã: «*Estamos na Semana Santa. Boa ocasião para partilhar, com os Outros, sessenta mil (arranjei ainda mais dez, pois fica a conta mais bonita)*. Dar com amor!

Entre os caminhantes passa, agora, a assinante 31104, de Lisboa, perorando «*orações para que consiga ter forças para prosseguir a jornada que me é tão difícil*». Expressa a sua prece... em letra de forma!

Assinante 17380, de Trás-os-Montes, vicentino da velha guarda, presença cheinha de recordações e um óbolo valioso — de todos os pontos de vista.

Lisboa: «*Sou a assinante 26876. Li o drama do pai do jovem seropositivo. Embora reformada por invalidez desde os 27 anos (recebo uma pequena reforma mensal) gostaria de ajudar mais*», os pobres. Traves que seguram o Mundo!

Massamá (Queluz): «*Onze mil, para que a Páscoa seja mais doce para os Pobres. Apliquem em medicamentos, aluguer de casas, mercearia. Vós sabeis o melhor destino...*» — assinante 32436.

Mais cheques: assinante 54726, do Porto; 22890 de Rio de Mouro; 29059 de Miranda do Corvo; 14708, de Minde; e vinte dólares canadinos, da assinante 32217, Vancouver — Canadá. Cartas exuberantes de amor aos mais necessitados.

Retribuímos, com muito gosto, os votos de santa Páscoa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

«Fiúza»

O meu nome completo: **Paulo Alexandre Rosa Fragoso**. Sou natural de Palmela, onde nasci em 3 de Abril de 1979.

A minha irmã levou-me para a Casa do Gaiato de Setúbal, no mês de Janeiro de 1992.

Vim logo com o nosso Padre Manuel para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Não estava ali bem porque fugia mais facilmente...

Vivíamos numa barraca, em Aires, com muita pobreza. Eu fugia dos meus pais para *brincar* com os colegas... E não ia à Escola Primária.

Cheguei a Paço de Sousa num dia à noite. Ainda me lembro bem. No dia seguinte, de manhã, os companheiros ficaram admirados por me ver e começaram a chamar-me «*Fiúza*», apelido que tenho entre a malta.

Às vezes, ainda sinto saudades de não ter as minhas irmãs mais perto. Mas estou aqui, na Casa do Gaiato, para amanhã poder ser um homem capaz de vencer na vida.

Paulo Alexandre



PAÇO DE SOUSA

PADARIA — O nosso padeiro é o «Tico». Tem doze anos. Ele tem muito gosto na arte e coze bem o pão, mas o fomo está já muito velho.

Há padarias que nos dão pão. É uma boa oferta. Muito obrigado.

FUGA — O «Pepino» abalou com o pai, no sábado de

Páscoa, depois da cerimónia religiosa. Esperamos que volte o mais rápido possível porque frequenta a Escola e não pode perder as lições.

ESCOLAS — Da notícia que publiquei sobre o material, escolar, as professoras do Ensino Primário ficaram chocadas. E têm razão porque com essa atitude testemunham o seu amor pelos nossos rapazes.

BAPTIZADOS — Na celebração da Páscoa alguns rapazes

foram baptizados. Uma cerimónia rica de significado espiritual para toda a comunidade.

POMBAS — O «Nhanha» e o «Basófia» tomam conta dum pombal e o «Filmes» de outro. As pombas estão gordinhas e comem ao pé das pessoas e dos próprios donos! É um quadro muito lindo, a mansidão e a paz que transmitem aos homens.

SALÃO — As obras estão quase prontas e não temos material para os treinos e jogos. Falta só pintar a parte onde os rapazes aprendem a tocar viola e bateria.

SERRALHARIA — O serralheiros estão a fazer mesas e bancos para o refeitório. Os que agora usamos são muito velhos.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

DESPORTO — No dia 14 de Abril, de manhã, os nossos juvenis jogaram com a equipa dos Ribeirenses, do Porto.

O adversário era já conhecido e a forma como actua, também. Daí que o prélio tenha sido muito bem disputado, até pela saudável rivalidade entre estas equipas.

Desta vez fomos superiores e vencemos por 5-0.

No fim, os Ribeirenses ofereceram um troféu e uma bola. O nosso muito obrigado a este grupo desportivo que frequentemente vem até cá, conviver connosco.

De tarde, recebemos um grupo de jovens da Escola C+S de Paço de Sousa. O encontro resultou numa festa agradável, com o resultado final de 21-1.

Estamos à espera de iniciativas do género ou de grupos com outro gabarito que nos queiram desafiar.

«Amarante»

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

PASSEIO CONVÍVIO — Realizado às Casas do Gaiato do Tojal e Setúbal, não decorreu com a adesão desejada, talvez por causa da data, ou por serem dois dias, ou por motivos de ordem profissional dos associados o não permitir. No entanto, à dúzia de antigos gaiatos acompanhados pelo nosso Padre Horácio, que apesar do seu estado de saúde marca sem-

pre presença, no local de destino juntaram-se mais companheiros de outros tempos, residentes nos arredores de Lisboa. Tivemos a adesão de quatro maravilhosos casais, amigos dos gaiatos e concomitantemente sócios da Associação, que neste convívio e vendo a realidade das Casas do Gaiato ficaram maravilhados.

A chegada ao Tojal foi aproveitada, antes do almoço que o nosso Padre Cristóvão ofereceu, para visitarmos a Casa, a bela Capela e o palácio em obras de restauro, onde admiramos os belos azulejos.

Seguimos a caminho da casa de férias, em Sintra, local de rara beleza, a convidar à reflexão e ao repouso. Depois duma ligeira visita ao centro de Sintra, fomos em direcção à Arrábida, com ligeira paragem em Cascais. Continuámos a admirar a beleza da Costa do Sol, e, na casa de férias dos gaiatos de Setúbal, o Padre Acílio esperava-nos com dois rapazes, postos à disposição para nos ajudarem na confecção do jantar, em que algumas das esposas, dos nossos, deram uma mãozinha.

Assistimos ao desafio de futebol Boavista-Benfica. Chegou a hora duma pequena oração, na Capela, presidida por Padre Horácio. No fim, um serão recreativo onde alguns e algumas mostraram os dotes vocais, com destaque para o casal Vítor Agostinho e esposa, nos fados, assim como a Hermínia, esposa do José Clemente, que mostrou uma classe de fadista de fazer inveja a profissionais. Não faltou a bela música alentejana onde sobressaíram os casais Carlos Manuel-Helena, José Martins-Nanda com a Odorinda e o Zeca que não ficaram atrás.

Após uma noite bem dormida e tomando o pequeno-almoço, rumámos à Casa do Gaiato de Setúbal para a Eucaristia Dominical. O Domingo de Ramos tem um cerimonial específico, sobressaindo o belo coro dos gaiatos. Que beleza estes pequeninos deram com seus cânticos! Padre Acílio em homilia apropriada ao dia, fez-nos pensar um pouco no significado da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém.

Visitámos a Casa e a bela quinta, onde as laranjas não desmerecem da fama que têm.

Visitámos ainda o Lar e oficinas, instaladas em plena cidade; carpintaria, serralharia e tipografia. Edifício funcional, arrumadinho, com salas de estudo, de informática, nas quais os rapazes se iniciam em novas tecnologias.

À despedida, cada um seguiu para o almoço, onde quis e como quis, rumando a Coimbra. Durante a viagem, além de cânticos e testemunhos do Zeca, do seu tempo, houve outros dos casais amigos e sócios da Associação, vista a realidade gaiata ao vivo. Como antigos gaiatos, podemos sentir-nos orgulhosos de pertencer a esta maravilhosa família.

Esperamos que no próximo encontro anual, de que brevemente terá notícia, a participação seja maior. Temos projectos e alguns muito concretos, mas só com a ajuda e a comparação de todos poderemos levá-los avante.

João Hingá



As bicicletas, mais ou menos funcionais, estão na ordem do dia. Enchem as horas de lazer dos gaiatos — em Paço de Sousa.

O problema das crianças e dos jovens em risco

Continuação da Página 1

cheguem para resolver este problema enquanto encarado unilateralmente, sem lhe procurar as causas e ir a elas com os remédios adequados — uma acção que certamente exigirá flexibilidade e multidisciplinaridade, uma palavra agora tão em voga e certamente necessária quando o homem é ferido não apenas na sua epiderme mas no cerne da sua natureza.

«Quem é aquele celerado, perigoso, assustador, que vamos encontrar às vezes numa Cadeia?... É um que em pequenino não foi amado.» Pai Américo aprendeu isto por lá, nas prisões por onde encetou a sua vida de padre da rua e depois na própria rua onde buscou seus filhos.

O problema das crianças e dos jovens em risco requer um trabalho medicinal e pedagógico que envolva a Saúde e a Educação e a Solidariedade e a Justiça e um Ministério da Família, que não há, e um saneamento social que não se vê.

Um caso

Foi também nestes dias a última admissão que aqui fizemos — e rara em razão da idade dos dois irmãos: dois e três anos. Família numerosa em que o pai, preguiçoso e viciado, não assume qualquer responsabilidade a respeito dos filhos. A mãe, algo deficiente, encobre o homem das violências que lhe faz e às crianças. A Assistência Social tentou remediar aquele caos, mantendo junta

a família. Foi impossível e houve que procurar instituições que recebessem as crianças. A nós estes dois e a promessa de lhes juntarmos um menino de treze meses que por ora ficou noutra instituição mais preparada para uma idade tão tenra. Impressionante a adaptação dos pequeninos, como se nunca tivessem conhecido mais ninguém! Os rapazes desvelam-se em carinho. Será a tempo de os curar do passado sem amor todo este amor em que se encontram envolvidos?

Impunidade dos pais!

Entretanto os pais ficaram e permanecem impunes. O pai, pelo menos, não é inconsciente. Houve um trabalho pedagógico e assistencial que não logrou. A

bem nada se fez. E a mal?... nada se faz.

«O medo guarda a vinha.» Em tantas áreas da vida social se prescrevem penas, e se cumprem, para dissuadir os prevaricadores. Nesta, nada. A Assistência Social gastou esforços e verbas em vão. O Tribunal de Menores entregou as crianças à Segurança Social para que lhes dê destino. E os pais?... Livres como o vento! Só não terão mais filhos porque ela já os não pode ter.

Este caso é um. Mas são milhares. Só em nossas Casas, centenas mais ou menos desta espécie. Assim não há milhões que cheguem para se poder «Ser Criança». E os milhões são o menos! O mais são os milhares de crianças que nunca chegarão a sê-lo.

Padre Carlos



Obviamente felizes em sua Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Passámos o tempo da Quaresma e revivemos, mais uma vez, a Paixão, Morte e Ressurreição do Filho de Deus.

Pela nossa frente passa, também, a nossa tristeza, sempre que apostamos no esforço e entusiasmo para tentarmos salvar a desagregação dum lar.

Aconteceu a uma família composta por três elementos, da qual, em tempos, demos boas notícias.

Quando começámos a visitar esta gente, até tínhamos medo de entrar na casa, pois receávamos a reacção daquele homem revoltado contra a sociedade. Que «não estava para aturar patrões», disse. No entanto, com as nossas visitas e conversas, parecia que entravam no bom caminho. Daí a alegria que partilhámos convosco.

O homem começa a trabalhar e a ter direito ao seu salário. Ela, embora limitada pelas perturbações mentais, ganhava alguns tostões, trabalhando numa firma de limpezas. A filhinha com bom aproveitamento escolar. A mãe dele também dava apoio moral.

Porém, quando parecia existirem condições para serem uma família feliz, tudo volta ao princípio! Ele a beber e a drogar-se, desiste do trabalho. Espanca a mulher, a ponto de a mandar para o hospital. Ela, por amor à sua filha, refugia-se na sogra que mora na traseira da casa dele, um barraquito feito de tábuas onde só cabe a cama, com a água da chuva a entrar por todos os lados. Tudo isto leva a que a menina não queira sair da casa onde vive com o pai. Mas ele não larga a mulher, que se vê obrigada a fugir para casa de familiares que moram longe. A menina continua a viver com o pai. Nós pedimos à avó que olhe por ela. Pedimos também a Deus que vele pela criança, para que não venha a ser outra vítima de animalidade do ser humano.

Perguntamos: — Que é feito das Assistentes Sociais daquela

zona? Dêem o vosso apoio moral a estas famílias, já que outro não pode ser, a tantos lares degradados. Estamos certos de que, se assim fizerem — e na generalidade muitas procedem assim — não haverá tanta miséria moral.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — Na última crónica desabafámos o nosso sentir quanto às contas e, em consciência, a mágoa da menina que esperava uma boneca que não levámos. Pois esta mágoa calou fundo no coração da assinante da Régua, Maria Luísa, que enviou uma caixa de brinquedos, a boneca e cheque de 10.000\$00.

De Coimbra, carta da assinante 9708, com cheque de 20.000\$00, para compra doutra boneca! Então, expressámos preocupação com a falta de verba para acoeremos a outras necessidades. Esse valor será empregue em leite e medicamentos.

Manuel Joaquim, de Braga, 20.000\$00. Assinante 9217, 5.000\$00. Anónima, de Fiães, 15.000\$00. Que Deus, nosso Pai, lhe dê a felicidade que merece. José d'Éça, Porto, cheque de 10.000\$00.

Para todos o nosso muito obrigado. E, lá do Céu, Pai Américo interceda por vós junto do Pai Celeste.

Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

Flores de Abril!

Na noite mais escura
Sou luz, lanterna,
Lâmpada e sol
Para alegrar a tua tristeza!

Eu sou vários eus!...
Tenho e pertença
A várias raízes!...
Tal como uma canção
Contendo extratos de canções!

Ao povo
Ofereço-lhe a minha vida
Como flores de Abril!
Ao Deus-Bom
Entrego-lhe a minha morte!

Manuel Amândio

MIRANDA DO CORVO

AULAS — O terceiro período já começou. As notas do anterior não foram famosas. No entanto, os rapazes acham que ainda nem tudo está perdido. Por isso, continuam a estudar para poderem ser compensados no final do ano lectivo.

CARAS NOVAS — Ultimamente recebemos mais alguns irmãos: Ravi, Simão e o seu irmão Valdemar. Crianças da rua que ao longo da vida não tiveram bons pontos de apoio, mas agora vislumbram esperança de serem alguém no futuro.

JARDINS — Com a Primavera as flores são um dos elementos que embelezam a nossa Casa.

Canteiros temos muitos. As flores, apesar de reduzidas variedades, não são poucas.

Começámos a arrancar ervas, plantar flores e regá-las para darem bom aspecto.

AGRADECIMENTO — Para todos aqueles que nos dão um pouco daquilo que têm para podermos sobreviver, quer da parte das empresas quer individualmente.

Arnaldo

MALANJE

PÁSCOA — Foi vivida com muita alegria graças à boa preparação que tivemos.

Mas Deus ouviu as preces dos rapazes, colocadas na oração do Terço.

Durante a Quaresma, além da Catequese dos sábados, Padre Manuel Kalemba e D.

Maria do Céu deram Catequese todos os dias na preparação do Baptismo. O nosso Padre Telmo passou filmes sobre Jesus e a vida dos Santos.

Na Quarta-feira Santa tivemos um dia de reflexão com o Padre Simão, do Seminário, que terminou com a Reconciliação e a Santa Missa.

No Domingo, festa da Ressurreição, destacamos os 37 baptizados. Duas irmãs, nossas catequistas, e outras quatro irmãs, nossas amigas, e mais três professoras foram as madrinhas. Os gaiatos mais crescidos foram padrinhos dos mais novos.

Os gaiatos antigos uniram-se a nós, celebrámos juntos a Páscoa e tivemos um almoço de confraternização no refeitório.

Feliz Páscoa e uma saudação especial ao amigo Rui Rodrigo Reinel, que escreveu de Lisboa. A sua cartinha chegou bem e ficamos muito contentes e agradecidos. Espero o seu endereço. Eis o nosso: Casa do Gaiato — C. P. 192 — Malanje — Angola.

Manuel Afonso («Nelito»)

Uma carta

Agradeço à Obra da Rua o bem espiritual que me tem feito através do «nosso» O GAIATO. Bem haja pelo Evangelho quase palpável que me abana e sacode e me acicuta quando a vida frenética me distrai. Nunca saberei dizer da minha veneração pela Obra da Rua e seus mentores, pais amorosos de tantos filhos do Senhor que o mundo enjeita e fere.

Assinante 4554

Tribuna de Coimbra

Partilha de bens

A Páscoa, como o Natal, são tempos de grandes apelos à partilha dos bens. Aliás, essa atitude é constitutiva da autêntica vivência dos valores religiosos que esses mesmos tempos apontam.

Creio que grande parte dos donativos que nos chegam são motivados por essa bela Mensagem que dimana da vivência religiosa de tais celebrações.

O registo de alguns gestos

Sem indagar mais de motivações — que só Deus conhece em profundidade — aqui vai o registo de alguns gestos dessa partilha:

Uma Arlete, de Lisboa, com 50 mil. Maria Júlia com 3 mil. De Cantanhede, uma Cristina com 20 mil. Anónimo, de Coimbra, com 20 mil. Maria José, de Cardigos, com mais 20 mil. Alguém, de Tomar, com 25 mil. De Póvoa de Varzim uma Marília com 100 mil. Um Fernando, de Coimbra, com 800 escudos. Mais 10 mil, de Coimbra. E mais 75 mil, da Lusa Atenas, de uma Graciete. Agora, de Leiria, 10 mil. De José Relvão e Filhos, a recordar ainda o Natal do Senhor, 25 mil. Padre Henrique, de Unhais, com a presença habitual e 25 mil. O casal amigo, das Meãs, com a cota do costume. Mais 5 mil, de Condeixa, à conta duma Maria do Céu. A Maria Adelina com mais 10 mil. De Lisboa, um vale de Vilhena Gentil, 17.500 escudos. De Aguiçem, cheque de 125 mil, fruto duma acção dos Jovens daquela comunidade e animadores com a recolha de ofertas e mais 62.540 escudos. O padrinho do nosso «Viitito» com 40 mil. Mais mil, de Montemor-o-Velho. Uma Maria Rosa, de Leiria, com 3 mil. Cernanche do Bonjardim, no Instituto Vaz Serra, 16.075 escudos. Mais 2 mil, de Friúmes. Mais 6 mil, de Oeiras. A Maria das Preces, de Castelo Branco, com 33 mil. De Coimbra, o Santos Minga com a cota mensal. O Padre Ulisses, de Mira, com 10 mil. Mais 14 mil, da Igreja de Vila Nova. Uma Maria Graciosa, da Figueira da Foz, com 20 mil. Maria do Rosário, de Castelo Branco, com 11 mil. Luís da Silva, de Tomar, com 20 mil. Adelino Fernando, de Leiria, com 107 mil. Maria do Céu Seabra com 15 mil. Por mão das Criaditas dos Pobres, 40 mil. O Rotary Club da Figueira da Foz veio entregar 698.995\$00, resultado do seu encontro anual. Paroquianos de Simão do Litém, com 20 mil. Carlos Cruz Audio-visual com 70 mil, de dois golos «oferecidos» à Casa do Gaiato pelos jogadores do seu programa. Mais 35 mil, da Escola C+S de Leiria, Religião e Moral. Coimbra com 62 mil e quinhentos. Paroquianos de Cafede — Castelo Branco, 50 mil, de assinaturas.

Chegámos ao fim. Meu Deus, quantos outros gestos despercebidos que só Deus conhece! Por estes e todos os outros o nosso profundo reconhecimento.

Padre João

DOCTRINA

Falo e ninguém
me responde!



VAI fazer dez anos, no dia dezanove do mês de Março, que eu pedi licença ao então Prelado da Diocese de Coimbra para me deixar visitar e cuidar dos Pobres, que para outra coisa não prestava em virtude de uma doença que ao tempo me consumia; e Ele disse-me que sim. Não houve requerimento nem cunha nem nomeação. Foi um operário chamado à Vinha do Senhor, pelo Senhor, em muita dor e aflição, a fim de melhor poder ajudar e compreender os aflitos. Deus escreve direito por linhas tortas.

COMECEI por uma toca no Largo da Trindade onde habitava uma mulher prostituída, com quatro filhos de outros tantos pais; a qual mulher falecia pouco depois à minha heira, roída da doença e do pecado, a pedir perdão e a perdoar! Em questão de miséria social, a minha estreia foi perfeita e o meu serviço bem acabado. Desde então até à data, tem sido um constante desfiar de contas numa cadeia interminável de cenas que a vida tem; a tal ponto que eu sinto dentro do peito, dia a dia, a alegria imensa de uma Obra que fica, em lugar da amargura de uma vida que acaba.

NÃO repares de eu falar hoje aqui na primeira pessoa, que o faço com letra minúscula. Quando a gente lida e sente de perto a multidão dos Estropeados, fala assim no singular a ver se outros operários vêm para a Vinha do Senhor no plural, seja qual for a terra, idade ou condição. Vem hoje, que não terás mais em tua vida de fazer contas de multiplicar, como fazem os tristes mortais que trabalham com os tristes algarismos. Não terás, porquanto Quem multiplicou o pão do Evangelho multiplica igualmente o pão que tu dás ao Pobre; a ti compete somente o distribuí-lo. Ai que se a experiência das coisas divinas não fosse, como as demais, um facto individual e intransmissível, eu havia de passar para o teu peito tudo quanto no meu arde para tu também arderes. Desculpa a maneira pessoal do meu dizer de hoje. É falar de apaixonado. É por teu amor que o faço; queria que tivesses a mesma paixão. Vem!

JÁ lá vão dez anos; e nunca, por nunca ser, cheguei à noite sem dinheiro na algibeira, levando todo o dia, como levo, a distribuí-lo! Nunca me faltou crédito nem solidariedade nem opinião. Nunca me faltou lugar à mesa, nem nos comboios nem nos eléctricos nem no teu coração — o melhor de todos os lugares. Eu não faço contas, nunca as fiz, não as quero — que estas são contas dos que trabalham na Vinha do Senhor. Como os passarinhos do Céu voitam em cata do biscato para os seus filhos, assim eu. Valem mais os Pobres do que os passarinhos. O Evangelho não tem frases: é Vida. Ai que se a tua fé fosse ao menos do tamanho de um grão de mostarda, havias de acreditar n'Ele!

COMPRI, por dez contos de réis, uma casa anexa à Casa do Gaiato (de Miranda do Corvo), para demolir e construir uma capela dedicada ao Santíssimo Nome de Jesus. Vou comprar uma outra, no mesmo quarteirão, para ficar um corpo inteiro. Trago em mão uma exploração de água, de seiscentos metros de distância, para a riqueza da pequenina quinta. Tenho à minha conta o Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios com vinte deles e outros tantos gaiatos na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Há tantos anos a gastar sem fazer contas e nunca me enganei!

MAS há mais: O dom de Deus é de tal forma infinito, que eu, sozinho, não poderia nunca distribuir adequadamente tudo quanto Ele me dá para distribuir; pelo que tenho formado uma pequenina legião de obreiros do Evangelho, visitantes do Pobre, em várias aldeias e terras do País! A Pobreza dos nossos campos é mais grata e mais piedosa. Tenho verdadeira inveja quando vou por aí fora ouvir o relato dos visitantes, saber das suas horas deliciosas em casa do Pobre, para onde vão à beira de passarinhos por sobre os campos de sementeira! É tão negra, tão suja e tão viciosa a Miséria das cidades! Dá-me ganas, por vezes, de abalar para as aldeias...

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)



Ao fundo, a entrada do casebre.

Património dos Pobres

Continuação da página 1

ampliando a casa. Deixámos a nossa ajuda e regressámos com uma leve

esperança. Vamos aguardando.

Este é um caso como há muitos. Geralmente, é

PASSO A PASSO

Amor fraterno

GESTOS de humanidade. Encontros silenciosos. Partilha de amor fraterno entre o que serve e o que é servido. Mas quem serve? Mas quem é servido?

O Avelino está acamado, há longos anos, no seu Calvário. De há algum tempo para cá tem de ficar com as mãos amarradas para que a higiene necessária seja possível. Ainda assim, quando tem dores fortes *vinga-se* na roupa da cama ou na mesa de cabeceira... Desta vez, no início de novo dia, deparamos com o lençol muito rasgado e a cama em desalinho. Depois de tudo repor no seu lugar e de lhe fazer um leve reparo, quando agachado lhe prendia a mão, obtenho como resposta a tudo aquilo um afago e um olhar e um encolher de ombros de quem pede desculpa.

O Zé Artur já é bem conhecido dos apaixonados do nosso Calvário. São as fotos n'O GAIATO e os escritos. O Carlos já nem tanto...

Pois um dia destes o Carlos cortava lenha, nas traseiras do pavilhão, com o Zé Artur a comandar as operações. Eu estava numa sala contígua vendo a correspondência, onde me chegavam os sons do machado fazendo os toros em cavacos e as vozes deste ani-

mado grupo. Era a hora do almoço. A sineta tocou. Para não faltar à pontualidade habitual, o Carlos largou o trabalho e o Zé Artur diz-lhe: — *Bom apetite para o almoço!*...

Não sei se o Carlos teve mais apetite, talvez não precisasse, mas o meu aumentou. Soube-me tão bem aquele «*bom apetite para o almoço!*»

Entre doentes! Entre pessoas juntas dia e noite! Entre desiguais em capacidades! Como é possível tanta delicadeza e amor fraterno?! Mas se são irmãos!...

No Calvário o Senhor vem fazer isto mesmo:

Outra carta

Leio sempre O GAIATO com alegria. Mesmo quando relata as mil formas de pobreza, sempre nos mostra o lado positivo dela: convidando-nos a ver para além do nosso egoísmo.

Ao Pai Américo peço que, no Céu, interceda junto do Senhor pelos meus familiares, pela paz e pela justiça neste mundo tão abalado pelas guerras e pelas terríveis injustiças do homem contra o homem. Que o Senhor me converta também a mim, momento por momento.

Assinante 54122

pobreza de cabeça. Diante dela não podemos cruzar os braços. Vamos tentando motivar os pais para chegarmos aos filhos. Nunca perdendo a esperança.

Dois Amigos

PORQUE passávamos perto, visitámos um velho Amigo. Estava sentado no quintal a orientar a poda das árvores de fruto. Largou a cadeira e, apoiado a duas *canadianas*, quis que entrássemos em sua casa. «*Tenho noventa e dois anos, quatro meses e alguns dias*» — disse, alegremente. Viúvo há um ano, recorda a amizade que sempre teve pela esposa.

A cozinha com lareira foi a primeira divisão que visitámos. Aí passa largas horas e quis que víssemos o monte de jornais, entre os quais O GAIATO. São os seus grandes companheiros. Percorremos outras divisões e teimou para que, na sala, comêssemos da sua fruta e provássemos do seu vinho.

Recordou as Festas dos Gaiatos às quais sempre procurou assistir e falámos do Património dos Pobres

a que aderiu logo ao princípio oferecendo uma casa no bairro da sua cidade.

Este velho Amigo deixou de nos enviar o vale de correio mensal e optou por depositar num Banco, em conta da Obra da Rua. Confirmámos a solução.

Despedimo-nos com um forte abraço e até quando Deus quiser.

Longe dali e a caminho de casa, visitámos outro Amigo cuja idade e doença o retém sentado, em casa. Também já viúvo há anos e a recordar, com saudade, a esposa que tanto amou. Vive acarinhado por pessoas que o estimam e com ele vivem e em quem confia.

A sua habitação é muito conhecida e procurada, porque homem de coração aberto: «*Ninguém vem a minha casa que encontre a porta fechada. Sobre tudo tenho ajudado muitas Corporações de Bombeiros. Custa-me ver lágrimas nos olhos.*»

Numa sociedade que parece tão egoísta, é muito consolador encontrarmos Homens como estes, com sentido de partilha dos bens!

Padre Horácio

irmãos! Vem fazer, de nós, irmãos. Esta é a Sua obra; destruir as inimizades... Na raiz, não à superfície.

E anda por aí tanta fraternidade balofa, de palavras sonantes e ondulantes! Alguns chamam-lhe tolerância. Tanta solidariedade fria e sem rosto! Muitas querem-na pôr no lugar da caridade. Como se a caridade pudesse ser um meio para usar na redução do I.R.S. ...

Cristo na Cruz tem rosto, mesmo já sem aspecto de homem pelos tormentos a que foi submetido... O Avelino ainda acaricia, apesar da dor e dos longos anos de prostração no leito... O Zé Artur ainda sabe exprimir o amor, apesar de tão diminuído e rejeitado... Tantos aqui como Cristo: — *Pai, perdoa-lhes. Não sabem o que fazem.*

Quem perdoa, ama!

Padre Júlio

Festas de Setúbal

- 27 Abril — Sociedade das CABANAS
- 4 Maio — Sociedade Filarmónica - PALMELA
- 11 Maio — Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO
- 17 Maio — Nos Franceses - BARREIRO
- 7 Junho — Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense - AZEITÃO
- 15 Junho — Sociedade Filarmónica Agrícola - PINHAL NOVO
- 29 Junho — Teatro José Lúcio da Silva - LEIRIA

SEMPRE ÀS 21,30 H.